

## TUFRA\_2

Com o folder recuperado, identificamos o autor e diretor da peça “A reforma” encenada pelo Teatro Universitário de Franca - TUFRA, Gilberto Ribeiro Alves. Conhecido como Tato, é um “multi-instrumentista” nascido em Guaranésia, pequena cidade mineira próxima à divisa com o estado de São Paulo, na região de Guaxupé. Interessado por arte desde a juventude cursou a Faculdade de Belas Artes em São Paulo e tornou-se professor de artes. Aprovado em concurso público, foi lecionar em Batatais no Instituto de Educação estadual, onde começou a atuar no teatro amador. Em 1967, o diretor da Faculdade Filosofia de Franca Alfredo Palermo contratou-o para montar um grupo de teatro na faculdade, o TUFRA. Escreveu a peça “A Reforma”, introduziu folia de Reis como elemento cênico, enfrentou problemas com a censura, mas foi em frente. Superou as acusações de “subversão” da peça, selecionou os alunos participantes (parte universitários, parte secundaristas do Instituto Francano de Ensino – IFE), produziu os ensaios e as apresentações da peça, que chegou a disputar o concurso estadual de teatro universitário. No ano seguinte, seu trabalho tornou-se inviável com o clima de censura e perseguição às artes e Gilberto se desligou da Faculdade.

Em Batatais, acabou por fazer o curso de piloto de avião e tirou o brevê, mudando de profissão e de cidade. Por muitos anos voou pelos céus do Brasil como piloto da aviação executiva, até resolver voltar para Guaranésia, onde foi secretário e diretor de cultura em alguns mandatos. Voltou a suas raízes artísticas e à pintura a óleo, retratando em suas telas pontos importantes da cidade de Guaranésia. Consegui localizá-lo através dos batataenses Amaro e Gaspar, com quem obtive o texto integral da peça publicada em livro. Sai também na “captura” dos personagens, a partir das memórias do velho amigo Totonho Mazzotta e Mauro Corrêa Neves. Infelizmente, o renomado jornalista Randáu de Azevedo Marques, Otávio Martins (Zazá), Luiz Tadeu Faleiros, Mário Alves (foi vereador) e Belmiro Arruda já faleceram. Aposentados, Iracy Freitas vive em Sertãozinho e Paulo de Tarso em Franca, como Aloisio Barbosa e Luiz Carlos Fernandes. Maria Aparecida Lino é doutora em letras aposentada da UFRJ no Rio de Janeiro. Paulo Azevedo (o “Paulinho subversivo”) e Bernadete Koritiaki não localizei.

Com alguns, conversei pessoalmente. Com ajuda do amigo arquiteto Mauro Freitas de Ribeirão Preto, soube que o professor Vanderlei Fontellas havia retornado a Franca após viver muitos anos em Ribeirão. Hoje aposentado, filho de um ferroviário filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), morou próximo à estação ferroviária de Franca e sua casa sempre foi palco de discussões políticas da esquerda local nos anos 50 e início dos 60. Após concluir o curso clássico no IETC, fez o vestibular na Faculdade de Filosofia de Franca e estudou História. Engajado e politizado, participou ativamente do movimento estudantil e do teatro. Formado, pouco tempo após o AI-5 foi preso pela ditadura e passou sete meses no Presídio Tiradentes em São Paulo, na mesma cela que Frei Betto. Quando saiu, fez concurso para a rede pública em Ribeirão Preto e foi professor de História até aposentar.

O Gaspar de Batatais também ajudou a localizar Célia Natalina, a única personagem negra na peça. Segundo ela, na época havia apenas duas alunas negras na Faculdade. Era de Batatais e vizinha do diretor da peça. Viajava diariamente a Franca, conciliando com seu trabalho de babá dos filhos de uma professora de inglês que a ajudava. Quando perdia o ônibus, ficava na

avenida pedindo carona, até de caminhão chegou a vir para as aulas. Gostava de declamar, coisa que ainda faz até hoje, aos 84 anos. Após a conclusão do curso, professora formada em português-inglês, continuou vivendo em Batatais e fez curso superior de jornalismo em Ribeirão Preto. Chegou a lançar um livro de poesias (Sondagem), vencedor de um prêmio de literatura, que está esgotado. Por muitos anos foi professora de português da rede pública em Batatais, até que no final dos anos 80 emigrou para os Estados Unidos, onde foi professora e babá. Retornou no início do século XXI para Batatais, onde vive até hoje. Num tempo em que um “intelectual francano” celebra a ditadura militar, lembrar o TUFRA é defender a democracia e reafirmar a verdade histórica sobre aqueles tempos de repressão, assassinatos de opositores, perseguição política e censura às artes, tempos que não queremos mais.

Mauro Ferreira é arquiteto